

ANÁLISE DE GÊNERO SOBRE AS PRÁTICAS DE AMAMENTAÇÃO DE TRÊS GERAÇÕES: AVÓ - FILHA - NETA

**JOICE MEIRE RODRIGUES¹, THIAGO DORNELAS DE OLIVEIRA²,
GUSTAVO FONSECA GENELHU SOARES³.**

¹Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.
Discente do curso de Medicina do Centro Universitário de Caratinga – UNEC – Caratinga/MG.
joicemrodrigues@uol.com.br

²Discente do curso de Medicina do Centro Universitário de Caratinga – UNEC – Caratinga/MG.

³Mestre em Ciências Naturais e da Saúde pelo Centro Universitário de Caratinga. Docente do curso de Medicina do Centro Universitário de Caratinga – UNEC – Caratinga/MG.

RESUMO

A prática da amamentação é um processo histórico que deve ser compreendido como parte de um contexto familiar e fruto das interações de diversas gerações, que proporciona a transmissão de experiências e discussões a respeito da aceitação ou não aceitação de determinados conhecimentos. Este estudo tem como objetivo evidenciar essas diferenças geracionais, destacar a importância deste processo de ensino-aprendizagem e evidenciar questões de gênero que permeiam todo este processo que se desenvolve no ambiente familiar. Nesta pesquisa, analisamos o depoimento de quatro lactantes sobre mudanças e permanências sobre a prática de amamentação e constatamos a presença de conflitos geracionais, sociais e culturais durante o acompanhamento das três gerações.

Palavras-chave: Amamentação; Gerações; Gênero.

ANALYSIS OF GENDER ON THE PRACTICE OF THREE GENERATIONS BREASTFEEDING: GRANDMOTHER - DAUGHTER - GRAND DAUGTHER

ABSTRACT

The breastfeeding is a historical process that should be understood as part of a family context and the result of interactions of various generations, providing the transmission of experiences and discussions regarding the acceptance or non-acceptance of certain knowledge. This study aims to show these generational differences, highlighting the importance of teaching learning process and highlight gender issues that permeate this whole process that develops within the family environment. In this research , we analyzed the testimony of four nursing on the changes and continuities of the practice of breastfeeding and contacted the presence of generational , social and cultural conflicts during the follow-up of three generations.

Keywords: Breastfeeding; Generations; Genders.

1 INTRODUÇÃO

O tema amamentação é constantemente discutido em diversos estudos da área de saúde. Várias são abordagens dadas a esta temática, destacando o papel biológico (MOREIRA, 2013; LOURENÇO, 2006), as práticas de aleitamento (MACHADO, 2012), o aleitamento no cotidiano (NAKANO, 1996), o risco do desmame precoce (KALIL, 2003), entre outras abordagens que enfocam questões sociais, éticas e familiares.

De acordo com Moreira e Nascimento (2012), o aumento do interesse dos pesquisadores sobre a saúde da mulher e amamentação é atribuído como resultado das reivindicações do movimento feminista no desenrolar dos anos 80 e, consequentemente, o surgimento do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, em 1984. Os estudos sobre esse aumento revelam que, apesar do interesse sobre a temática, ainda existem lacunas a serem preenchidas, que ultrapassam a questão biológica e enfocam aspectos sociais, culturais e econômicos, incluindo questões como cooperação familiar, experiências e vivências do cotidiano e conflitos entre as gerações.

Nesse sentido, considerando as questões patriarcais e determinações sociais de espaços para homens e mulheres e destacando o fato da prática da amamentação acontecer no âmbito privado, enfatiza-se a necessidade do desenvolvimento de estudos que realizem análises sobre as relações de poder, interferências geracionais presentes neste período, na tentativa de:

observar os relacionamentos, práticas e simbologias das mães com suas próprias mães e destas com suas filhas para discutir os estilos parentais de amamentar, demonstrando as experiências vivenciadas e rompendo com a visão temporal de que o espaço familiar representa puramente um local de opressão feminina (MOREIRA, 2012, p.5).

O enfoque da temática geracional possibilita ampliar as análises existentes sobre a prática da amamentação à medida que revela um universo de continuidades e descontinuidades vivenciadas em um mesmo ambiente familiar, destacando a existência da relação entre avó, mãe e filha, pouco mencionada na maioria dos estudos que se dedicam a observar a diáde mãe-filho, deixando de lado aspectos importantes para uma análise.

De acordo com Barros (2006), atentar para o fenômeno da intergeracionalidade pressupõe valorizar o diálogo das mais diferentes concepções de mundo entre as gerações, podendo, para tanto, haver descontinuidade dos valores e comportamentos de uma geração para a seguinte como novas reedições de modelos comportamentais entre as diferentes gerações.

Desse modo, a amamentação é entendida como resultado de um processo histórico que permite a participação de mulheres de diferentes gerações compartilhando e vivenciando experiências diversas em tempo e espaços diferentes devido ao envelhecimento.

Pretende-se destacar o processo geracional como importante influenciador sobre a experiência de amamentar, destacando mudanças e permanências na prática do aleitamento, enfatizando fatores que incentivam e não incentivam o desempenho de tais práticas nos dias de hoje e revelando questões de gênero presentes nesse processo que se desenvolve no ambiente familiar.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho foi utilizado o marcador da Scielo com as palavras-chaves amamentação, gênero, geração, família e selecionados doze artigos em português disponíveis. E, posteriormente, foram selecionados livros e dissertações sobre a abordagem pretendida sem definição temporal.

Além disso, foram realizadas entrevistas com quatro lactantes, vinculadas ao Programa Saúde da Família - PSF Nossa Senhora Aparecida I, do município de Caratinga-MG, e visitas domiciliares nos meses setembro e outubro do ano de dois mil e quatorze para a entrevista de suas mães e avós na tentativa de observar conflitos geracionais, mudanças e permanências sobre a prática de amamentação e conflitos sociais e culturais devido a vivência deste período. Todas as mulheres que participaram da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estando cientes do objetivo da pesquisa.

QUESTÕES DE GÊNERO NO PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO

A experiência do aleitamento é um fator biologicamente determinado às mulheres e que sofre influências dos mais diversos setores como social econômico e cultural. Nesse sentido, a perspectiva de gênero como uma categoria de análise metodológica, fornece-nos suporte para discussão de fatores que interferem e auxiliam as mulheres durante essa fase, demonstrando tais influências nas relações construídas durante este período.

Segundo Louro (1996), o conceito de gênero vem sendo utilizado nas mais diversas áreas para demonstrar a presença de formas de dominação que homens e mulheres enfrentam, seja no meio público ou privado, em busca de ocupar lugares sociais dentro da sociedade. Trata-se de aceitar papéis e funções socialmente determinadas para ambos os sexos, definindo a posição esperada para cada um deles.

No ambiente familiar, percebe-se um local propício para a reprodução da manutenção dos papéis sociais atribuídos a homens e a mulheres de acordo com as diferenciações biológicas. Segundo Scott (1988), na escola, na igreja e demais instituições, o homem é distanciando, desde cedo, de assumir quaisquer papéis que venham a contribuir para ajudar e apoiar a mulher durante a amamentação.

As práticas de amamentação passadas de mãe para filha são contextualizadas e devem ser ressignificadas para que sejam repassadas para as futuras gerações. Assim, percebe-se pelos relatos que a manutenção dos papéis sociais, mesmo que indiretamente, prevalecem nas gerações atuais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de amamentar é compreendida de formas diferentes entre as mulheres (MOREIRA, 2011, p. 433). Foi observado entre as entrevistadas ambiguidades de sentimentos em relação a experiência vivenciada. Para as mulheres da terceira geração (netas), os sentimentos de ansiedade, medo e pressão se sobressaem, seguidos de justificativas que podem ser explicadas pelas exigências atuais, reforçada pelos discursos oficiais das campanhas em prol da amamentação que reforçam a ideia

da mãe como responsável insubstituível pela alimentação do bebê. Enquanto que, nas demais gerações (filha e avó), destacam-se sentimentos como alegria, satisfação e necessidade como resultado da naturalização dos papéis sociais socialmente construídos, que associam a mulher ao espaço privado e cuidado com os filhos.

A respeito dessa abordagem, sob a perspectiva de gênero, vale ressaltar que desde 2007, na Carolina do Norte, EUA, iniciaram-se discussões, durante o Terceiro Simpósio Anual de Amamentação e Feminismo, na tentativa de repensar a amamentação como parte importante da vida das mulheres, discutindo a relação dos discursos médicos e a realidade das mulheres que trabalham, buscando alcançar defensores da amamentação nos âmbitos políticos e sociais para garantia dessa prática com maior tranquilidade para as mães e bebês (KALIL, 2013, p.5).

Diante de discussões como esta, compreendem-se experiências negativas e/ou positivas vivenciadas por mulheres que amamentam ou amamentaram, justificadas por princípios de obrigatoriedade, responsabilidade e doação em benefício de seus filhos que foram repassados por gerações anteriores no espaço familiar.

Ao mencionar tal transmissão, é necessário considerar que o espaço doméstico historicamente reservado às mulheres sob a justificativa de sua capacidade natural de ser mãe, continua sendo visto sob a perspectiva da maioria das entrevistadas como local para aprendizagem, conhecimento e práticas sobre a amamentação.

Conforme observado no gráfico, as mulheres destacam ter recebido mais conselhamentos no ambiente familiar e doméstico em comparação com o aprendizado por observação, pela mídia e orientação do profissional da saúde, que se mostra mais presente nas últimas gerações.

Tabela 1 - Aconselhamentos sobre amamentação

	Avós	Filhas	Netas
Aconselhamento familiar	4	3	2
Profissional de Saúde	0	1	1
Mídia	0	0	1
TOTAL	4	4	4

Diante desse contexto, apesar dos dados revelados, ressalta-se a importância dos profissionais da saúde e da transmissão midiática, pois

o processo de ensino aprendizagem e proporcionam o acesso facilitado às informações sobre a amamentação nos impressos, vídeos e materiais educativos dos serviços de saúde, na tentativa de garantir melhor qualidade de vida às mulheres através da mídia escrita e falada para desenvolver uma maior sensibilização ao processo de amamentar (MOREIRA, 2013, p. 9).

Contrariando o discurso de que a amamentação é algo nato à mulher, a maioria das mulheres entrevistadas (dez) revela a importância das orientações recebidas quer seja no ambiente familiar ou não e enfatizam a necessidade de repassar esses aprendizados a futuras gerações.

A análise dos relatos revela a existência de relações de poder neste espaço onde as primeiras gerações definem normas, padrões e condutas na experiência individual de amamentar e transmitem-nas para as mulheres de gerações mais novas.

A transmissibilidade do conhecimento intergeracional sobre a experiência de amamentar parece estar atrelada a relações de mando e de obediência.

Como as mulheres das novas gerações são inexperientes e ainda necessitam das informações das gerações antecessoras, estas se utilizam dos discursos e atitudes em uma relação de dependência para, em seguida, buscar sua própria autonomia e definição de diferentes simbologias (MOREIRA, 2011, p. 195).

A dependência desse aprendizado para garantia do sucesso da amamentação é percebida nos relatos:

[...] tem um jeito certo do neném pegar no peito, não é de qualquer jeito. [...] Mãe e filha [...] Minha mãe desde do início da gravidez me disse que eu tinha que amamentar [...] mãe e filha [...] eu fazia tudo que ela mandou [...] mãe e filha [...] ela me orientava nas coisas que eu não sabia [...] Mãe e filha [...] sempre confiava no que ela dizia porque ela teve muitos filhos [...] (Mãe e filha).

Esses depoimentos revelam as relações de poder existentes entre as diferentes gerações, o respeito, a obediência e a valorização das experiências anteriores. Entretanto, deve-se considerar que a prática da reafirmação da aprendizagem da amamentação ofertada pelos profissionais da saúde e as informações repassadas pela mídia tem interferindo nas relações entre avó-filha-neta, gerando conflitos entre o que fazer ou não fazer de acordo com cada orientação.

Sobre esta situação, destacam-se algumas falas e questionamentos sobre como a oferta deve ocorrer, se demanda livre ou não, a satisfação do bebê, a posição da mãe e do bebê durante amamentação, a medicação do bebê, a alimentação da mãe:

[...] tenho que zangar com ela... ela passa muito tempo dando a mesmo peito e isso não é bom, vai ficar com um maior que a outro e neném não gosta de leite ralo [...] avó e filha [...] ela dá de mama o dia todo, na hora que o neném quer, e ele vai ficar mal acostumado [...] mãe e filha [...] milha filha não usa o travesseiro, eu dizia é preciso usar ele para se apoiar, é preciso sentar no travesseiro pra dar altura [...] avó e filha [...] filho meu nunca morreu por tomar chá mas hoje em dia dizem que não pode porque só o leite é remédio pra tudo, se dependesse de mim eu dava... não vai fazer mal[...]avó e neta [...] já disse pra comer canjica pra dar leite que sustenta este menino. Se comer comida fraca ela tem dar mama toda hora, o menino fica fraco. [...] (Avó e neta).

Esses contrapontos são esperados devido aos conflitos geracionais. Observa-se que a maioria das discordâncias é devido às atitudes das gerações mais jovens, contrariando a experiência de amamentar das mulheres mais velhas da sua família. Isso devido ao fato de que “ [...] no processo de amamentar fica notório que cada geração significa e representa sua experiência de acordo com o contexto histórico e social em que se encontrava mergulhada” (MORAES, 2004).

Percebe-se tal significação quando observamos que, apesar de ser unânime o entendimento sobre a importância da amamentação do bebê nos três primeiros meses de vida, as mulheres da primeira geração (avó) tem um discurso de justificativa para o desmame enfocando a necessidade de voltar ao trabalho e cuidar dos filhos, marido e casa. Enquanto as mulheres da segunda geração (filha) justificam a introdução do leite artificial visto às dificuldades de amamentar no ambiente profissional, necessidade de voltar ao trabalho e o cuidado com os demais filhos, casa e marido. E, as mulheres da terceira geração, além dessas justificativas, também demonstram culpa devido ao fato

de não conseguirem amamentar o tempo que deveriam e relatam que, se fosse possível, ficariam em casa o tempo necessário.

A situação presente nos relatos da segunda geração pode ser explicada:

[...] pela criação do leite artificial na década 70; as credices sobre o leite materno ser fraco e não sustentar, havendo assim a necessidade de complementação; abstinência sexual durante a lactação; e o aumento do número de filhos, típico desta geração, o que dificultava a amamentação individualizada por longo período de tempo (MOREIRA, 2011, p. 199).

O sentimento de culpa presente nos relatos deve ser compreendido num contexto que revela a necessidade da mulher de trabalhar fora e ainda desempenhar suas atividades no lar para manutenção do ambiente familiar, assumindo em alguns casos a função de provedora da casa.

Souza e Rodrigues (2010), em uma pesquisa sobre os Desafios da Mulher Trabalhadora diante Amamentação, destacam que a inserção da mulher no mercado de trabalho é o principal dificultador para a manutenção da amamentação durante o período necessário. O que de fato também pode ser observado nos relatos:

[...] eu tinha que voltar a trabalhar... com o nem só os gastos aumentaram, então tive que desmamar [...] Mãe [...] não dava pra ficar em casa amamentando ele e vendo os outros passarem vontade de comer algo [...] Mãe [...] só o salário do meu marido não é suficiente [...] (Filha).

Segundo as autoras, a alimentação infantil ocorre em um contexto de desigualdades de gênero, que inclui falta de suporte familiar, trabalhista e comunitário para a amamentação; sexualização dos seios femininos e, por outro lado, estigmatização do seio maternal, que limita as possibilidades de a mulher amamentar em público; além da falta de informação para a mulher sobre os benefícios do aleitamento materno, entre outros obstáculos.

Tal perspectiva se confirma nos relatos das entrevistadas quando questionadas sobre se amamentariam em público, revelando constrangimento e, nos casos das mulheres da terceira geração, a proibição deste ato, que de acordo com os seus maridos, não deveria ser feito em público, em hipótese alguma:

[...] meu marido não me deixava dar mama na rua de jeito nenhum. Ele se sentia ofendido quando via alguma mulher fazendo isso. avó [...] eu tentei explicar que criança não tem hora mas se quisesse sair de casa, tinha que desmamar o menino. Avó [...] Eu tentava evitar para que os outros não falassem por aí... quando não tinha jeito, arrumava um cantinho e dava escondido, mas depois cansei e passei a fazer mamadeira mesmo. filha [...] meu marido incentivou desmamar logo porque eu precisava trabalhar, e para sair com criança tem que ter aprendido a mamar na mamadeira logo cedo, porque não dá para amamentar no peito na rua (Neta).

A interferência masculina em um processo considerado exclusivamente feminino demonstra, nesses casos, a presença das questões gênero determinando espaços e funções sociais a estas mulheres que se posicionam em consonância com as determinações sociais e, por vezes, econômicas que adiantam o seu retorno ao trabalho e diminuem o período de amamentação de seus filhos; algo aceito pelas gerações anteriores e repassado como conduta natural esperada das mulheres das novas gerações.

Entretanto, cabe destacar a importância da participação masculina de forma positiva no processo de amamentação, não se restringindo apenas ao suporte econômico da família, que diminui a necessidade da mulher de trabalhar, mas também em relação à responsabilidade, aos cuidados com a criança e ao apoio à vulnerável dupla mãe-filho, desde as primeiras semanas de vida da criança, conforme salienta Piazzalunga (2009).

De acordo com a autora, o surgimento deste “novo pai”, rompe com o modelo tradicional de paternidade, desenvolvendo sentimentos afetivos e de vínculo que favorecem a construção do trinômio pai-mãe-filho. Contrapondo-se a realidade observada nas primeiras gerações, em que a figura masculina se distanciava do processo de amamentação, acreditando ser a mãe a única colaboradora para o seu sucesso do mesmo:

[...] meu marido nunca quis saber de me ajudar, ele trabalha na roça e trabalhava muito. Meus filhos accordavam a noite e sempre eu que levantava para que ele não acordasse e tivesse sono durante o dia. Avó [...] meu marido nunca trocou uma fralda, achava que isso era coisa que mulher. Vejo hoje em dia, que meu genro ajuda muito minha filha, mas antigamente não tinha isso não, filho é obrigação da mãe cuidar. Filha [...] eu sinto muito sono, não sei como seria se meu marido não me ajudasse a fazer uma mamadeira, ou de vez em quando trocar uma fralda... vida de mulher é difícil porque tem homem que acha que mulher tem que dar conta de tudo (Neta).

A participação masculina mencionada, mesmo que eventual, demonstra mudanças nas perspectivas atuais sobre o processo da amamentação, fazendo com que homens e mulheres percebam a importância da parceira entre casal. Diferentemente do que é observado nos relatos das primeiras gerações, segundo Piazzalunga (2009), o pai contemporâneo não se identifica apenas como reproduutor ou provedor econômico, mas tem buscado se fazer presente no contexto familiar, é movido pelas transformações socioeconômicas e se dispõe a restabelecer seu lugar e a repensar modelos que lhe permitam viver a paternidade, senti-la e exteriorizá-la, conforme destaca.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento dos relatos das mulheres das três gerações indica que os aprendizados e significados construídos ao longo dos anos dependem, em parte, dos conhecimentos transmitidos por suas mães e avós. Tais aprendizados passam por mudanças sociais, econômicas e culturais e revelam descontinuidades de certas práticas da amamentação; entretanto, apesar de alguns conflitos encontrados, percebem-se também permanências devido a esse forte contato geracional.

5 REFERÊNCIAS

BARROS, M. de L. **Família e gerações**. Rio de Janeiro (RJ): FGV, 2006. 164p.

FONSECA-MACHADO, M. de O.; HAAS, V. J.; STEFANELLO, J.; NAKANO, A. M. S.; GOMES-SPONHOLZ, F. Aleitamento materno: conhecimento e prática. **Rev. esc. enfermagem**. USP v.46, n.4, 2012. São.

KALIL, I. R.; COSTA, M. C. Entre afirmação e responsabilidade pela saúde dos filhos: considerações contemporâneas dos estudos de gênero sobre amamentação. In: FAZENDO GÊNERO – Desafios atuais do feminismo, UFSC, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384966103_ARQUIVO_IreneRochaKalil.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2014.

LOURENÇO, M. A. **A experiência de gestação e amamentação sob a ótica de mulheres vítimas de violência conjugal.** 2006. 189 f. Dissertação. Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/3556>>. Acesso em: 23 set. 2014.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J. M; MEYER, D. E; WALDOW, V. R. (org.). **Gênero e saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 7-18.

MOREIRA, M. M. **Continuidades e descontinuidades intergeracionais sobre a experiência de amamentar: um estudo de representações sociais.** 2011. 278 f. Tese. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/15095>>. Acesso em: 25 out. 2014.

MOREIRA, M.; NASCIMENTO, E. R. do. A interseccionalidade família, geração e amamentação. **Revista Kairós Gerontologia**, vol. 22, n. 5, p. 191-208, set. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/8941>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

MOREIRA, M. A.; NASCIMENTO, E. R. do; SANTOS, P. M. **Representações sociais de mulheres de três gerações sobre práticas de amamentação.** Universidade Federal de Santa Catarina. **Rev.Texto & Contexto Enfermagem**, vol. 22, n. 2, p. 432-441, abril-junho, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072013000200020&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 ago. 2014.

MORAES, M. S. de; ANDREA, M. A.; YAGI, R. G. R. A expectativa de amamentar: da intenção à prática. **Arquivo Ciência e Saúde.** Vol 3, n. 11, 149-53, 2004, julho-setembro. Disponível em: <http://www.cienciasdasaudade.famerp.br/racs_ol/Vol11-3/04%20ac%20-%20id%2020.pdf>. Acesso em 01 set. 2014.

NAKANO, A. M. S. **O Aleitamento Materno no Cotidiano Feminino.** 1996. 162 f. Tese. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – SP. Disponível em: <<http://www.bvsam.icict.fiocruz.br/teses/nakano.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

NASCIMENTO, V. C. **Orientações sobre aleitamento materno prestadas no pré-natal de hospitais do SUS e sua associação com a satisfação das gestantes quanto ao apoio recebido para amamentar.** 2012. 64 f. Dissertação. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <http://www.uff.br/saudecoletiva/images/Documentos/dissertacoes/disserta%C3%A7%C3%A3o%202013/DISSETACAO_VIVIANNE%20CAVALCANTI%20DO%20NASCIMENTO_DEZ%202012.pdf>. Acesso em: 25 out. 2014.

PIAZZALUNGA, C. dos R. C.; LAMOUNIER, J. A. L. A paternidade e sua influência no aleitamento materno. **Revista de Pediatria**, São Paulo. Vol. 31, n. 1, 49-57. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S0102-311X201400050099800027&lng=en>. Acesso em: 17 set. 2014.

SCOTT, J. Gender: a useful category of historical analysis. In: **Gender and politics of history**. New York: Columbia University Pres, 1988. p. 25-52.

SOUZA, M. de M. T.; RODRIGUES, L. M. S. Desafios da Mulher Trabalhadora diante Amamentação. **Revista Pró-univer SUS**, Vassouras, v. 1, n. 1, p. 3, jul-dez 2010. Disponível em: <<http://www.uss.br/pages/revistas/revistaprouniversus/artigos/4-Desafios-da-mulher-trabalhadora-diante-da-amamentacao.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2014.